

Pataxó estão ameaçados

Até a data do fechamento desta edição do PORANTIM (26-9), as notícias que chegavam sobre os Pataxó-Hã-Hã-Hãe, que vivem no Sul da Bahia, eram desalentadoras. Tendo ocupado pacificamente duas fazendas inscritadas em suas terras, em 11 de setembro, 100 índios, incluindo 45 crianças, estavam cercados por 70 policiais e dezenas de jagunços, acabaram sendo expulsos das áreas retomadas. Esse grupo, que reocupara as fazendas Providência e Bom Jardim, tinha sido expulso da Fazenda São Lucas, de 1.200 hectares, após a morte do cacique Edísio (ver PORANTIM nº 54). Nessa área de 1.200 hectares vivem aproximadamente 700 índios, sem terra para plantar, água potável para beber e comendo uma parca ração, fornecida pela cantina da Funai. A situação de miséria em que estavam vivendo, as brigas internas — provocadas pela ação divisora do órgão — tutor e a certeza de que os 36.000 hectares que abrigam vários fazendeiros são terras indígenas (demarcadas em 1926) levaram esse grupo de 100 Hã-Hã-Hãe a retomar as fazendas Providência e Bom Jardim (onde existe um antigo posto do Ser-

viço de Proteção ao Índio).

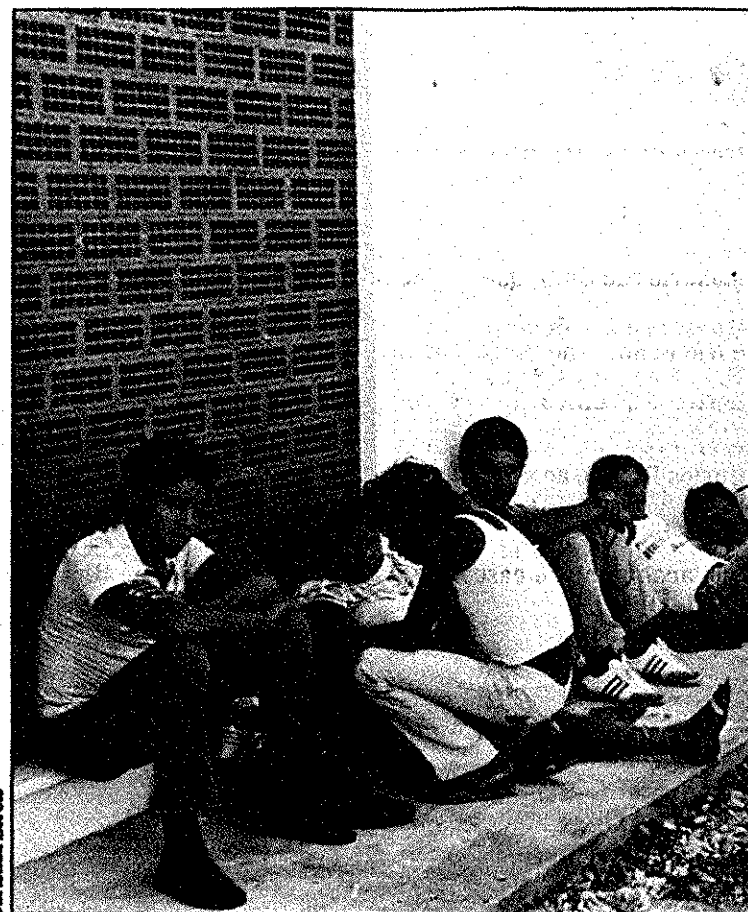
Para encontrar uma solução para o problema e evitar um confronto entre índios desarmados e fazendeiros, que era e é iminente, no início de agosto alguns representantes Hã-Hã-Hãe estiveram em Brasília, pedindo ajuda à presidência da Funai. Otávio Ferreira Lima prometeu enviar alguém à área indígena Caramuru/Paraguaçu naquele mês. Não enviou. Mas, após a reocupação das fazendas, autorizou o juiz da 2ª Vara, Lázaro Guimarães, a fazer cumprir sua sentença, que obriga os 100 índios a voltarem para a Fazenda São Lucas.

Enquanto os Hã-Hã-Hãe estavam fechados nas duas fazendas retomadas, sem poder entrar ou sair e sem alimentação suficiente para todos, os latifundiários organizaram um churrasco em frente à entrada das duas fazendas, para provocar os índios. Também foram falar com o governador da Bahia, João Durval, e faziam ameaças constantes através de seus jagunços.

Diante da pressão dos fazendeiros e da omissão da Funai, os Pataxó-Hã-Hã-Hãe foram arrastados pela Polícia Federal, de volta à Fazenda

São Lucas, a 26 de setembro. Ao chegarem lá, encontraram a mesma situação conflituosa de quando deixaram o local, após a morte do cacique Edísio. O cacique Saracura não aceitava a volta do grupo e só acabou concordando após a intervenção da polícia.

Enquanto esse grupo era expulso das duas fazendas retomadas, o fazendeiro Salvador Gomes Nery, um dos "proprietários" da fazenda Providência, foi até a posse de 24 hectares, ocupada há 20 anos pelo líder indígena Samado Santos, e passou a ameaçar sua família, dizendo que, se não abandonassem o local, as casas seriam incendiadas. A família de Samado, não suportando a pressão, deixou o local e também foi para a Fazenda São Lucas. No dia seguinte, a casa de Elita Ferreira dos Santos, irmã de Samado, amanheceu queimada. A situação nessa região do sul da Bahia é tensa. O grupo que retomou as duas fazendas está acossado e sem condições de sobreviver. Enquanto isso, os fazendeiros estão dobrando a quantidade de jagunços e ameaçam "usar de meios violentos" se algum Hã-Hã-Hãe tentar sair do campo de concentração onde está.



Grupo de Pataxó-Hã-Hã-Hãe em frente ao fórum de Camacã, aguardando o julgamento de Hígino

Denúncias devem ser apuradas, diz Anai

Dois membros da Anai — Associação Nacional de Apoio ao Índio, seção da Bahia — estiveram na região de Porto Seguro no final de agosto e início de setembro, e testemunharam o total abandono em que se encontram os Pataxó da Boca da Mata (50 famílias) e de Coroa Vermelha (15 famílias). Os índios dessas duas aldeias não têm condições de caçar, plantar ou comercializar seus produtos e são precariamente assistidos pelo único posto de saúde existente no município de Barra Velha.

Os representantes da Anai se encontraram com alguns líderes das duas aldeias para fazer um levantamento da situação. Ouviram, então, uma série de denúncias de irregularidades praticadas pelos funcionários da Funai na região. Firmo Ferreira, um dos líderes da Boca da Mata, denunciou que quando voltou de Brasília (ver PORANTIM nºs 52/53) — onde esteve com um grupo de indígenas, reivindicando condições de sobrevivência para seu povo — re-

cebeu ameaças de morte, juntamente com seu irmão, de pessoas que, segundo Firmo, estavam "manipuladas pela Funai".

Após a visita, a Anai fez um relatório dirigido às entidades de apoio ao índio onde afirma que "os depoimentos dos índios revelam que a Funai tem — como no caso Pataxó-Hã-Hã-Hãe e outros — interferido na organização desse grupo, dividindo-os internamente e fomentando uma disputa pelo poder desonesta. O fato é grave, pois práticas divisionistas da Funai já se têm configurado como estratégia para melhor dominar, visto que os índios divididos enfraquecem-se enquanto força de pressão e reivindicação de seus direitos". A Anai-BA complementa seu relatório de visita afirmando que "essas notícias de ameaças de morte, discriminação entre grupos, desvio de verbas e má aplicação de recursos e corrupção precisam, no mínimo, serem rigorosa e urgentemente apuradas".